

bonecos, e logo dás com uns clichês muito negros... Olha que ninguém quer ser negro no Brasil!... Dás com uns clichês muito negros encimados pelos títulos: Enlace Souza e Fernandes, ou Enlace Costa e Alves. Julgas que se trata de grandes famílias nobres? Nada disso. São doutores arrivistas, que se casam muito naturalmente com filhas de portugueses enriquecidos. Eles descendem de fazendeiros arrebetados, sem nenhuma nobreza e os avós da noiva estão ainda à rabiça do arado na velha gleba do Minho e doidos pelo caldo de unto à tarde. Sabes bem que não tenho superstição de raça, de cor, de sangue, de casta, de coisa alguma. Para mim, só há indivíduos e eu, mais do que ninguém, pois descendo dos Sás que fundaram esta minha cidade, podia tê-las. Precisava, para me considerar nobre, que meus avós tivessem obedecido a todas as regras da nobreza. Eles se casaram em toda a parte, eles nunca se importaram com os seus forais, agora vou eu tolamente gritar aí pela rua do Ouvidor eu sou Sá, nobre, fidalgo, escudeiro, etc., pois descendo de Salvador de Sá, etc. Isto digo eu que sou Sá!... Agora imagina tu um Fernandes aí qualquer com tais prosápias! Uma instituição só é válida quando é mantida com as suas leis — os nobres aqui degradaram-se porque não respeitaram as regras da linhagem... Sabes bem o que quer dizer 'degradar' nos códigos de nobreza?

— Sei! É voltar, por inobservância de disposições deles, ao terceiro estado, onde, para a verdadeira nobreza, está incluída a burguesia. Os Colberts, os antepassados dos grandes ministros...

— Degradaram-se, voluntariamente, para ser tapeceiros em Lion, creio eu — concluiu o meu amigo."

(Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá)

Pois, até 1919, era no fim de semana que, primeiro no Engenho Novo, no *Café Canalejas*, mais tarde no Méier, no *Café Portuense*, que a tertúlia, iniciando-se às vinte e uma horas, prolongava-se além das três e meia e quatro da manhã, com uma frequência de mais de vinte boêmios entremeando-se entre os efetivamente intelectuais. Era nessas oportunidades que in-

falivelmente, Da Rocha, Otávio, o poeta do soneto só, habilmente conseguiram uma brecha na série das grandes getês, na qual o recitativo maior era sempre o de Moacir de Almeida, poeta dos *Gritos Bárbaros* e, isso ele o fazia muito cedo, antes das onze e meia, porque uma vez representado o seu papel, ele com muito jeito, escapava como uma enguia, à francesa; rumo ao lar, como um bom chefe de família. Não era um boêmio clássico, não era um pau-d'água, não era um homem de grande cultura, mas um literato capaz de apreciar e aplaudir conscientemente as boas obras alheias sem arriscar-se a brilhos falsos.

"Não é meu propósito também fazer uma obra de ódio; de revolta enfim; mas uma defesa a acusações deduzidas superficialmente de aparências cuja essência explicadora, as mais das vezes, está na sociedade e não no indivíduo desprovido de tudo, de família, de afetos, de simpatia, de fortuna, isolado contra inimigos que o rodeiam, armados da velocidade da bala e da insídia do veneno.

I Perdoem-me os leitores a pobreza da minha narração.

Não sou propriamente um literato, não me inscrevi nos registros da *Livraria Garnier* do Rio, nunca vesti casaca e os grandes jornais da Capital ainda não me aclamaram como tal — o que de sobra, me parece, são motivos bastante sérios, para desculparem a minha falta de estilo e capacidade literária."

("Breve Notícia" in Recordações do Escrivão Isaías Caminha, 12 de julho de 1905)

No Beco do Rosário eram uns cinco ou seis que esperavam Lima Barreto para tomarem a talagada e formarem a roda. Havia dois que, sem saber como teriam começado a vida, àquela altura dos acontecimentos não eram nada. Não se pode dizer que fossem vagabundos, eram criaturas perdidas no mundo. Um, era inteligente, bem mais moço que Lima e ficou conhecido pelo apelido que o próprio Lima lhe aplicou — Huberto, o Pavoroso. Rapaz magro, longilíneo, moreno-branco, que não havia passado da instrução primária, não tive-